

O aprisionamento às telas e o declínio das experiências de leitura no Brasil¹

Yago Bezerra Pessoa¹ 

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Resumo

Este texto surge de uma inquietação de pesquisa que tem por objetivo interpretar a relação entre o declínio das experiências de leitura e o aprisionamento às telas digitais, entre as mais diversas faixas etárias da sociedade brasileira. Para substanciar as reflexões, acionamos teorias e epistemologias que embasam os estudos em leitura no Brasil e no exterior, a fim de melhor compreendermos os riscos ao pleno exercício da leitura na e fora da escola. Além desses pressupostos, analisaremos a matéria jornalística “Agarrados à tela”, publicada na Revista Piauí, que retrata o tempo de permanência dos usuários de telas em redes sociais de todo o mundo. Por fim, consideramos ser o tempo de exposição às telas, pelos brasileiros, um agravante ao desenvolvimento da leitura e um desafio maior aos professores de língua portuguesa, sem esquecer-se do atestado concreto da inexistência de uma política pública de leitura em grande escala no país.

Palavras-chave: Uso de telas. Leitura. Ensino de língua portuguesa. Políticas públicas de leitura.

Screens imprisonment and the decline of reading experiences in Brazil

Abstract

This text arises from a research concern that aims to interpret the relationship between the decline in reading experiences and the imprisonment to digital screens, among the most diverse age groups in Brazilian society. To support our reflections, we used theories and epistemologies that underpin reading studies in Brazil and abroad, to better understand the risks to the full exercise of reading in and out of school. In addition to these assumptions, we analyzed the journalistic article "Agarrados à tela" (Clinging to the screen), published in Piauí Magazine, which shows the amount of time screen users spend on social networks around the world. Finally, we believe that the amount of time Brazilians are exposed to screens is an aggravating factor for the development of reading skills and a major challenge for Portuguese language teachers, not forgetting the concrete evidence of the lack of a large-scale public reading policy in Brazil.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Keywords: Use of screens. Reading. Portuguese language teaching. Public reading policies.

1 Introdução

2 Este trabalho resulta da leitura crítica de uma matéria jornalística recentemente publicada na imprensa nacional. No artigo intitulado “Agarrados à tela”, as jornalistas Souza e Buono (2024), ambas da Revista Piauí, destrincharam os dados produzidos por uma empresa de consultoria que se debruça sobre o uso de mídias sociais em todo o mundo. Com foco nos dados brasileiros, buscamos verificar como tais indicadores reveladores de uma pátria aprisionada às telas podem revelar raízes que expliquem o declínio das práticas sociais de leitura.

O uso indiscriminado de telas se revela como um fenômeno social da vida humana moderna. Entendendo fenômeno como sendo um fato que pode ser percebido e atestado por alguém e que, portanto, empreendendo-se consciência sobre este fato podemos chegar a um fenômeno apreciável, costuramos esta pesquisa que interpôs o tempo de uso de tela e redes sociais em contraponto ao atestado declínio das práticas da leitura entre todas as camadas da sociedade brasileira (Costa; Costa, 2019).

Sabendo que a pesquisa não é resultado de uma fabulação, mas sim do contato com coisas existentes, chamamos a atenção para algumas observações da vida real, sem dúvidas, possíveis de terem sido vivenciados por nossos leitores: cada vez mais cedo as crianças acessam dispositivos digitais com telas; cada vez menos encontramos leitores-ativos, seja na escola ou fora dela; cada vez mais rara é uma conversa estrondosa de amigos, ao redor de uma mesa de bar/restaurantes; cada vez é mais comum o perfil virtual sufocar a existência do ser real que o cria e alimenta; cada vez mais cresce a cultura do individualismo; a perspectiva egoica do viver; cada vez são mais rasas e menos filosóficas as discussões de qualquer tema.

Diante disso, discutimos qual o lugar da leitura na vida diária de brasileiros e de brasileiras, tendo em vista a crescente adesão às telas e aos seus usos abusivos em redes sociais por crianças em fase escolar, adultos em idade de trabalho e

idosos em estágios de vida que requerem fortalecimento de vínculos sociofamiliares. Por meio da análise de dados coletados em pesquisa internacional publicada no Brasil pela revista Piauí, objetivamos discutir quais os possíveis efeitos do afastamento crônico das experiências de leitura em comparação ao aumento do tempo de uso de telas, comprovadamente causadoras do afastamento da alteridade, num movimento cada vez mais desagregador da sociabilidade e fomentador do individualismo.

3

Esta pesquisa se justifica, portanto, por sua tentativa de debater como o capital cultural advindo da leitura tem sido corroído e desvalorizado na sociedade da informação imediata e superficial em que estamos inseridos. Sua relevância pode ser apontada na contribuição para o incentivo de investigações futuras que busquem intercalar essa onipresença das telas na vida brasileira e a sua concorrência com os espaços de sociabilidade institucionalizados historicamente, tais como escolas, universidades, mercado de trabalho, sindicatos, associações comunitárias, agremiações, igrejas, partidos políticos, entre tantos outros.

Nas próximas seções, apresentaremos a natureza da pesquisa e a metodologia adotada para a coleta dos dados e para a construção das categorias analíticas adotadas neste artigo. Seguente à metodologia, apresentamos a seção dedicada aos resultados produzidos e às discussões oportunizadas pelas questões que movimentaram esta pesquisa. Por fim, encerramos a discussão com as considerações finais e as referências acionadas para tal proposta de pesquisa.

2 Metodologia

Este estudo foi realizado a partir do interesse de compreensão do evidente fenômeno de aprisionamento das pessoas às telas, nos mais diversos espaços de trabalho, da vida social, da vida diária, em família, nas escolas/universidades, entre outros, em todos os países do mundo. Buscamos, portanto, compreender o retrato dessa realidade, no Brasil, amparando-se em um relatório recém-publicado, elaborado por uma consultoria que monitora o tempo de uso da internet em redes sociais globalmente.

Em interface a este retrato, retomamos alguns aspectos teórico-epistemológicos do conceito de leitura em estudos e pesquisas que empreendem discussões acerca do sublime valor da leitura para a construção de uma sociedade mais crítica, democrática, apreciadora de sua cultura e, sobretudo, exercitante de sua cidadania plena. Afinal, não reconhecemos ser possível alcançar a qualidade na educação desejada, sem que isso seja atravessado por uma macropolítica do estado brasileiro que eleve ao patamar de destaque a formulação de uma política cultural de leitura nos mais distintos estratos sociais, em especial entre os mais vulnerabilizados pela desigualdade que ainda fere a sociedade brasileira.

Desse modo, esta pesquisa se faz com abordagem qualitativa de natureza descritiva, conforme Costa e Costa (2019, p. 23), pois leva em consideração a dinâmica entre o mundo real e os sujeitos, permeando aspectos subjetivos e o mundo objetivo, de modo indissociável. Além disso, conforme os autores:

Pesquisas com abordagens qualitativas estudam a Realidade Social, ou seja, seus valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões, buscando seus significados. Ela é específica, e está condicionada pelo momento histórico e pela organização política e econômica de tal momento. (Costa; Costa, 2019, p. 23).

Diante do exposto, a pesquisa bibliográfica aqui empreendida, coletou dados de um relatório intitulado “*Digital 2024: Global Overview Report*”, produzido recentemente pela *Kepios*, uma empresa de estatísticas globais de mídia social. No Brasil, tivemos acesso a seu resumo, por meio das jornalistas Souza e Buono (2024), que publicaram na coluna semanal Igualdades, da revista Piauí, uma matéria intitulada de “Agarrados à tela”.

Para a análise dos dados, foram utilizadas como categorias analíticas os estudos e as discussões realizados sobre o conceito de leitura, bem como os dados numéricos que revelam o tempo de uso de telas por brasileiros. Aproximando esse fenômeno de permanência nas redes sociais dos seus impactos nas experiências de leitura possíveis de serem vivenciadas, por jovens e adultos, além de representar desafio ao ensino de língua portuguesa, por conseguinte, revelam ao governo brasileiro a necessidade de formulação de políticas culturais interministeriais de

incentivo à leitura, em larga escala, e com a capilaridade de alcançar os estados e os municípios de todas as regiões do país.

3 Resultados e Discussões

Nesta seção, subdividimos as discussões da pesquisa em duas subseções.

Na primeira delas, apresentamos os dados pormenorizados da matéria jornalística “Agarrados à tela”, publicada pelas jornalistas Souza e Buono (2024), da Revista Piauí, e que teve por base um relatório internacional sobre o uso de mídias, chamando a atenção para esse fenômeno social de aprisionamento às telas.

Na segunda, discutiremos os impactos do excesso de uso de telas e de redes sociais como contributos para o declínio das experiências de leitura no Brasil, contemplando os fundamentos teóricos e epistemológicos do campo da leitura, tanto em estudos brasileiros quanto estrangeiros, que a tratam como objeto de conhecimento e como direito, ambos inalienáveis do ser humano.

Por fim, apontaremos alguns desafios que se apresentam aos estudos da linguagem e às práticas de ensino de língua portuguesa na educação básica, também afetada pela inundação de telas em seus espaços de escolarização.

3.1 O fenômeno social dos brasileiros “Agarrados à tela”

As jornalistas Souza e Buono (2024) nos apresentam em sua matéria jornalística, “Agarrados à tela”, dados preocupantes acerca do tempo dedicado pelos brasileiros às telas digitais que transmitem as suas redes sociais. As informações divulgadas pelas autoras da Revista Piauí foram compiladas por uma empresa que constrói estatísticas globais de usos das mídias sociais em todo o mundo, chamada Kepios. Em seu relatório intitulado *Digital 2024: Global Overview Report*, somos informados da quantidade de tempo que a população brasileira tem dedicado às redes sociais, e do verdadeiro vício que tal atividade tem provocado entre as diferentes faixas etárias de brasileiros e de brasileiras.

Segundo o relatório, esmiuçado pelas articulistas da revista, “o brasileiro passa, em média, 3 horas e 37 minutos por dia nas redes – o quádruplo dos japoneses, por exemplo. O tempo que gastamos no *Whatsapp* é tão grande que consome um dia do nosso mês, em média” (Souza; Buono, 2024, p. 1). Esses dados alarmantes revelam que em apenas trinta dias são dedicadas, em média, 108 horas e 5 minutos do tempo de vida nas redes sociais. Se comparado aos japoneses, estes passam apenas 26 horas e 5 minutos, em média, dedicados às redes sociais e expostos às telas de seus dispositivos digitais por mês.

Em uma lista de seis países, ocupamos a terceira posição entre aqueles que apresentam as maiores médias diárias de horas dedicadas ao uso de redes sociais por meio de telas. Estamos atrás apenas dos países Quênia e África do Sul, que diferem em poucos minutos da nossa média, ambos também ultrapassando a média de 3 horas diárias. Após o Brasil, aparecem os países Holanda e Coreia do Sul, ambos com pouco mais de 1 hora de média diária de seus cidadãos nas redes sociais. Em sexto lugar aparece o Japão, com uma média diária de 53 minutos dedicados pelos japoneses ao uso de redes sociais.

Quando relacionaram o tempo de 3 horas e 37 minutos dedicado pelos brasileiros às redes sociais e se, sendo possível, a troca dessas telas pela leitura de um livro, Souza e Buono (2024), utilizando-se de dados coletados pela plataforma Basmo, chegaram à conclusão de que todo esse tempo dispensando na internet seria o suficiente para em apenas três dias, os brasileiros usuários das redes sociais finalizarem a leitura do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, que em uma de suas edições tem 368 páginas.

Basmo é uma ferramenta de registro de leitura, em forma de aplicativo para celulares, através do qual o leitor pode monitorar o tempo dedicado à leitura dos livros de sua preferência. Com os registros dos leitores, o aplicativo é capaz de criar médias de tempo de leitura, a partir dos dados registrados pelos usuários da plataforma. Segundo os cálculos da plataforma, em média, nesse intervalo de tempo um leitor ativo consegue ler até 120 páginas. Ainda pensando no tempo dispendido ao uso de redes sociais pelos brasileiros, a matéria aponta que todas essas horas

poderiam ser melhor investidas em outras atividades, tais como exercícios físicos e atividades culturais.

Quando se fala em termos de tempo dedicado às telas, chegamos ao aplicativo de mensagens *Whatsapp*², a rede social mais usada por brasileiros. Cada brasileiro usuário dessa ferramenta, dedica um dia inteiro do seu mês conectado a este tipo de aplicativo, pois quando se calcula o tempo diário de conexão direta, o resultado médio é de 24 horas e 14 minutos. É nesta multiplataforma que estão os 93% dos usuários de internet, entre 16 e 64 anos, do Brasil.

Se o assunto são os perfis em diferentes redes sociais, o Brasil está atrás apenas dos Emirados Árabes Unidos. Aqui, a média é de os brasileiros estarem em pelo menos oito redes sociais. A média do Japão é de 3,8 plataformas por usuário. Em todo o mundo, a média é de 6,7 plataformas por usuário.

No que diz respeito aos perfis seguidos por esses usuários brasileiros de redes sociais, 41% dos brasileiros entre 16 e 64 anos seguem influenciadores digitais em suas redes sociais. Nos Estados Unidos, por exemplo, apenas 24% dos usuários das redes sociais seguem essas “personalidades” que ditam influências de consumo e de conduta social entre os seus seguidores. Nesse ranque de usuários de redes sociais que mais seguem influenciadores digitais, os brasileiros ficam atrás apenas dos usuários das Filipinas e da Nigéria.

Sabemos que esses chamados influenciadores digitais criam um grande mercado publicitário em torno de si mesmo, passando a ditarem costumes e condutas aos seus seguidores, o que tem impactado em muito a saúde mental e financeira desses súditos que, muitas vezes, irracionalmente tentam aproximar o seu modo de vida e de consumo aos dessas subcelebridades do capitalismo parasitário, conforme nos alerta em seus textos coerentes, o pesquisador da modernidade e de seus efeitos na civilização, Bauman (2010).

Segundo o relatório estudado por Souza e Buono (2024) e aqui debatido, as mulheres são o principal público-alvo desses influenciadores, que passeiam pelas mais diferentes esferas do mercado capitalista. Entre os brasileiros, segundo a

² *Whatsapp* é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para celulares do tipo *smartphone*.

pesquisa, oito a cada dez usuários usam as redes sociais com o intuito de consumo de marcas ou de produtos socialmente valorizados. Entre os usuários austríacos, esse número cai para quatro, a cada dez usuários. A média mundial está na casa de 7 a cada 10 pessoas que usam as redes sociais para fazer compras.

Entre aqueles que dizem ser o acesso às notícias o principal motivo para o uso das redes sociais, no Brasil, 53 a cada 100 brasileiros afirmam ter essa mesma motivação. Nos Estados Unidos, apenas 28 a cada 100 usuários das redes sociais fazem essa afirmação para justificar o gasto de tempo na internet. Nessas condições de uso para a obtenção de notícias, o Brasil aparece em terceiro lugar. Grécia e Polônia estão no topo da lista, respectivamente, como sendo os países nos quais a leitura de notícias é o principal motivo para o uso das redes sociais, de acordo com a declaração dos usuários de internet destas nações.

Por fim, tendo este retrato preciso em nossas mãos, através do qual se pode perceber o Brasil, no cenário global das nações aprisionadas às telas e com declínio nas experiências de leitura entre a sua população, continuaremos na próxima subseção a debater os prejuízos desse diagnóstico no que diz respeito às práticas de leitura e, por conseguinte, de proliferação da cultura das letras entre a população.

3.2 Alguns caminhos teórico-epistemológicos da leitura e o declínio das experiências de leitura entre a população brasileira por conta de telas

As discussões sobre leitura não são novidade no cenário dos estudos da Pedagogia, da Linguística, da Literatura e demais Ciências Humanas. Pelo contrário, muito antes do advento das tecnologias digitais na vida diária em sociedade, teóricos dessas áreas se debruçaram sobre possíveis “pedagogias de leitura” em ambientes escolares e não escolares. A professora espanhola, Isabel Solé, tem uma significativa contribuição nos estudos empreendidos sobre leitura nas últimas décadas. Em uma de suas obras mais populares, Solé (1998) define algumas premissas acerca do trabalho da leitura em espaços escolares, afirmando que a atividade de compreender e interpretar textos de diversos tipos é fator garantidor da construção da autonomia das pessoas, na medida em que a sociedade moderna

exige o manejo cada vez mais eficaz dos conhecimentos às quais os sujeitos têm acesso. Porém, se pensarmos no desenvolvimento dessa autonomia e olharmos para o cenário de hoje, no qual os jovens, desde cedo trocam as experiências sociais e/ou mesmo de leitura por telas digitais, como alcançar essa construção autônoma?

Segundo Solé (1998, p. 46):

A leitura nos aproxima da cultura, ou melhor, de múltiplas culturas e, neste sentido, sempre é uma contribuição essencial para a cultura própria do leitor. Talvez pudéssemos dizer que na leitura ocorre um processo de aprendizagem não-intencional, mesmo quando os objetivos do leitor possuem outras características, como no caso de ler por prazer.

Segundo a compreensão da autora, na atividade de leitura, o leitor se constitui como sujeito social ativo, estabelecendo constantes trocas entre os seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios com os textos socialmente circulantes. Nesta compreensão, é defronte aos textos que a subjetividade de cada sujeito se afina. Para tanto, nesse processo, faz-se necessária uma metodologia de mediação da leitura por outro sujeito-leitor, dotado de repertório linguístico-textual mais ampliado e diverso, a fim de que o leitor iniciante possa, gradativamente, ampliar o seu repertório cultural.

Ao professor e à escola, historicamente, como sabemos, coube essa tarefa de apresentar e introduzir no mundo da leitura os seus estudantes. Obviamente, o exercício da leitura não finda no processo de escolarização dos sujeitos, prolongando-se ao longo de toda a sua vida, enquanto cidadãos, o que requer a formulação de políticas culturais de incentivo à leitura.

No entanto, as escolas atuais estão enfrentando verdadeiros testes de importância diante das telas, o que fez com que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) alertasse os países de todo o mundo sobre o uso indiscriminado desses aparelhos nos espaços escolares, não permitindo que essas telas substituam a interação entre as pessoas (Gouveia, 2023).

Fazendo eco às reflexões feitas por Lajolo (2005), compreendemos que a leitura na escola é um caminho necessário a todo e qualquer processo de

escolarização do ser humano por ser, em essência, o percurso de entrada do indivíduo no mundo da leitura, do qual resultará a sua capacidade de fazer a posterior e/ou paralela leitura do mundo. Como apresentado pela matéria jornalística dissecada na subseção anterior, a juventude tem perdido tempo suficiente para a leitura de muitas páginas de livros, exemplares ricos de nossa cultura, por momentos de distração voltada às redes sociais e seus mundos irrealis e conflitantes.

10

Conforme as reflexões de Bauman (2010), no universo das redes sociais e dos influenciadores digitais, podemos visualizar com concretude a face parasitária do capitalismo que busca nos capturar com as suas longas teias de persuasão para o consumo desenfreado e irrefletido. Nessa lógica de compulsão por objetos, marcas e produtos apresentados por essas personalidades digitais, caímos naquilo que o sociólogo chama de “a cultura da oferta”.

Para o sociólogo:

A cultura de hoje é feita de *ofertas*, não de *normas*. Como observou Pierre Bourdieu, a cultura vive de sedução, não de regulamentação; de relações públicas, não de controle policial; da criação de novas necessidades/desejos/exigências, não de coerção. Esta nossa sociedade é uma sociedade de consumidores. E, como o resto do mundo visto e vivido pelos consumidores, a cultura também se transforma num armazém de produtos destinados ao consumo, cada qual concorrendo com os outros para conquistar a atenção inconstante/errante dos potenciais consumidores, na esperança de atraí-la e conservá-la por pouco mais de um breve segundo. (Bauman, 2010, p. 33).

Porém, conforme diagnóstico do sociólogo, percebemos que não sobra espaço para a leitura nessas atividades de consumo da cultura, e quando muito, restritas a pequenos nichos da sociedade que a catapultam como uma prática revestida de “*glamourização*”. Para a educação básica, a leitura deve ser prática efetiva de todas as camadas sociais na e para além da escola, no entanto, nesse sistema capitalista que oprime e transforma tudo em produto de mercado, caberá ao estado nacional reagir e promover a implantação de uma política de cultura da leitura que democratize o livro, a leitura e os espaços de cultura.

Para Kramer (2010), a escola tem o compromisso firmado com a disseminação e a produção da ciência e da cultura, no entanto, vê que o país ainda não conseguiu efetivar políticas culturais que fomentem a leitura em larga escala aos mais diversos segmentos da sociedade. Limitar o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento da leitura apenas à escola, tem-se revelado um caminho infrutífero, em longo prazo, pois os sujeitos não se eternizam em ambientes escolares e não disporão dos recursos para essa atividade em ambientes públicos não escolarizados, de maneira universal.

Além disso, sabemos que a escola brasileira, em certo aspecto, encontra muitas dificuldades na formação de leitores e escritores, em sua plenitude, pois não existem os recursos humanos, materiais e políticos para uma continuidade dessa prática de letramento para a leitura ao longo da vida adulta. Para tal objetivo, faz-se necessária a articulação dos setores públicos na tessitura de uma política de leitura que envolva os diferentes entes federados da União, Estados e Municípios.

Para Silva (2011), a problemática da leitura na formação dos sujeitos perpassa a própria formação dos professores, pois são poucos os cursos de licenciatura que apresentam em seus currículos disciplinas que enfoquem a leitura para além dos domínios da alfabetização, etapa esta tão cara e decisiva para a entrada da criança no mundo letrado, mas incapaz de dar conta dos muitos significados de leitura na experiência humana. Nesse sentido, ao pensarmos em formação de professores, também devemos refletir acerca das políticas de acesso ao livro em sociedade, na vida cotidiana, em espaços públicos/bibliotecas.

Martins (2012), em suas investigações sobre o que é leitura, diferencia a atividade de leitura em três níveis distintos, porém complementares, através dos quais pode ser desenvolvida: a leitura sensorial, a leitura emocional e a leitura racional. Segundo a autora, não escapamos desse tripé em todo e qualquer empreendimento de busca da significação do mundo, de seus signos e de seus textos. No entanto, cabe-nos a constante preocupação de questionar se esses níveis estão sendo vivenciados pelos sujeitos da modernidade, excessivamente mergulhados em experiências de leitura superficiais e dinâmicas, tais como são as acionadas pelos textos em redes sociais.

Diferentemente das discussões que povoaram as cabeças dos pesquisadores acerca da substituição do texto físico pelo texto digital, conforme reflexões de Ribeiro (2017), hoje em dia, a preocupação enquanto educador não está mais na configuração dos suportes de leitura, e sim no declínio das experiências de leitura, sejam elas as realizadas em suportes físicos ou digitais de divulgação da materialidade escrita.

O atual desafio se encontra no tempo dedicado às redes sociais e todas as suas problemáticas trazidas: discursos de ódio, machismo, homofobia, preconceitos sociais, capacitismos, polaridade político-ideológica, entre outras. Torna-se óbvio lembrar que esses mesmos problemas também afligem a vida fora das telas, no entanto, quando o jovem com elas se depara e para com elas consegue assumir algum tipo de criticidade e autonomia adquiridos pelo exercício da leitura de textos da nossa cultura literária, os desdobramentos podem ser bem diferentes.

Freire (2011, p. 19) nos lembra que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Por assim dizer, será que os nossos brasileiros, tão reféns das amarras das telas e das redes sociais, estão tendo a leitura crítica de perceber as muitas relações entre os textos e os seus respectivos contextos?

Para Terra (2014, p. 54):

A construção do sentido é um processo complexo e não deve ser confundido com a simples decodificação ou identificação de informações básicas. Como o sentido não está no texto, no processo de leitura, o leitor sai do texto e vai buscar, por meio de inferências, os conhecimentos necessários (linguísticos, textuais, enciclopédicos, interacionais). Vale dizer, compreender um texto não é extrair dele um sentido que está lá pronto, acabado; mas, mediante a ativação de processos cognitivos, construir um sentido a partir de pistas presentes na superfície do texto. Ademais, deve-se levar em conta que o autor, ao produzir um texto, não coloca nele todas as informações, pois há saberes que considera compartilhados e que, portanto, não precisam ser explicitados. A significação, como se

sabe, vai além do que está literalmente expresso pelas formas linguísticas.

É a essa dificuldade perceptiva que aproximamos as nossas reflexões, pois conforme apresentado no texto de Souza e Buono (2024), o uso das redes sociais por brasileiros tem levado a uma crescente no número de perfis de influenciadores a ser seguidos, de a navegação nas redes ser, em grande medida, com o intuito de realizar compras virtuais.

13

Entre tantos países do mundo, estamos entre os primeiros no tempo diário de uso das redes sociais, com grande número de perfis em redes sociais por brasileiro, com horas que equivaleriam à leitura de 120 páginas de um livro de nossa literatura. Além de tudo isso, estamos entre as nações cuja população dedica mais tempo a seguir perfis que retratam dramaturgicamente a vida e o cotidiano de pessoas autointituladas como influenciadoras digitais.

Somos a pátria dos “curtidores” e dos compradores pela internet. Diante desse fato incontestável do capitalismo parasitário, como que em forma de remissão por nossos pecados, 53% de nossa população afirma usar as redes sociais, sobretudo para a busca de informações e de notícias em veículos jornalísticos com perfis institucionais nessas plataformas.

Constatamos, afinal, que diante do investimento de tanto tempo diário e dos muitos usos destinados às redes sociais por meio de telas, não sobra tempo aos brasileiros para a apreciação, a fruição e/ou a prática da leitura em sua vida diária. Tal costume poderia ajudar a mudar o perfil leitor do povo brasileiro, que perante aos demais países com níveis semelhantes de desenvolvimento econômico e social não tem figurado nas melhores posições.

Diante de tal cenário, não podemos atribuir responsabilidades apenas em nível de individualidade, pois toda e qualquer tentativa de mudança social pressupõe um debate e uma tomada de consciência no nível de comunidade e de coletividade, o que faremos na próxima seção.

4 Considerações finais

Após as discussões aqui empreendidas, retomamos a importância do debate sobre os usos de telas e sobre o excessivo tempo passado pelos brasileiros em redes sociais, sobretudo quando pensamos os aspectos da leitura como uma prática social humana que deve ser contínua e presente na vida de todos os sujeitos, como manifestação da própria cidadania e da apropriação de sua cultura. No tocante a isso, não se pode deixar de lado o papel a ser exercido pelas instâncias governamentais brasileiras no planejamento e na implementação de uma política cultural de larga escala, que tenha a leitura com um eixo principal de investimentos.

As escolas brasileiras, nesse cenário, ainda não dispõem de materiais e recursos bibliográficos que garantam o pleno acesso aos livros em formato de bibliotecas escolares. O acervo, quando existente, não atinge a quantidade ideal para atender aos alunos e aos diferentes segmentos de educação que a escola oferta. Não somente as escolas carecem de acervos fartos, como as políticas existentes para a reposição de títulos da biblioteca escolar ainda não são as mais ágeis e eficazes para os gestores escolares que delas fazem acionamento.

Para além dos fatores materiais, requer-se uma melhor adequação do lugar da leitura no currículo de formação de professores, nos mais distintos cursos de licenciatura brasileiros, afinal, esta atividade nunca pode estar limitada aos campos de pesquisa e ação das ciências da linguagem. A formação de professores deve perpassar de modo indispensável, as políticas que favorecem o livro e a leitura como atividades de conhecimento e de apreciação estética dos bens culturais de nosso povo. Como fator primordial de auxílio à mudança de cenário, os governantes das mais distintas, assim como assinam pactos de promoção da alfabetização em larga, podem construir os mesmos acordos no que diz respeito a um pacto cultural de fomento à leitura em todos os municípios brasileiros.

No que diz respeito ao declínio da leitura por concorrência aos celulares, o Brasil não fugir ao debate sobre esses aparelhos em contexto de sala de aula, pois grande é a lista de países que já os baniram de forma integral dos espaços escolares. As justificativas para tal tomada de posição são muitas e diversas, passeando por áreas como Educação, Psicologia, Antropologia, Linguística, Ciências Sociais, entre outras. Que não se entenda, porém, que estamos

decretando inquirição aos dispositivos de tela, pois é quase impossível que fuja do seu uso, nos dias atuais. O que buscamos refletir é o seu impacto na formação de leitores em espaços escolares cada vez mais invadidos por telas e por uma sociedade que, historicamente, vem trocando as interações humanas reais por relações sociais mediadas por telas e conexões digitais.

Com esse estudo, não buscamos esgotar o debate ou propor estratégias de intervenção para o problema apresentado, porém, o simples fato de levar “inquietar-se” diante dele, por si mesmo, assume-se como uma pequena fagulha que pode ser replicada entre outros pesquisadores que se debruçam e se dedicam à temática do uso de telas, do tempo de permanência em redes sociais e da sua consequência no declínio da leitura pelos mais diferentes cidadãos desse mundo hiperconectado.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

COSTA, Marco Antonio da; COSTA, Maria de Fátima Barrozo da. **Metodologia da pesquisa: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: Dos Autores, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOUVEIA, Aline. Celular: Unesco alerta sobre uso em escola e cita países que proibiram. **Correio Braziliense**. Brasília, 31 jul. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2023/07/5113100-celular-unesco-recomenda-proibicao-em-escolas-de-todo-o-mundo.html>. Acesso em: 18 mar. 2024.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2005.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela: letramento e novos suportes de leitura e escrita. *In*: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova Pedagogia da Leitura. 11ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOUZA, Leandra; BUONO, Renata. Agarrados à tela. **Piauí**. Rio de Janeiro, 16 fev. 2024. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/igualdades-redes-sociais-vicio-celular/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

16

ⁱ **Yago Bezerra Pessoa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6995-3569>

Secretaria Municipal da Educação (SME), Prefeitura de Fortaleza-CE;
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

Graduação em Letras Português (UFC); especialização em Supervisão e Orientação Educacional pela (UNICSUL) e Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho (UFPI); mestrado em Linguística Aplicada (UECE); Doutorando em Letras (PUC Minas), com bolsa CAPES.

Contribuição de autoria: Autor de todas as etapas da pesquisa.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2696907681777953>

E-mail: y.bezerra@hotmail.com

Editora responsável: Arlene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 19 de março de 2024.
Aceito em 01 de outubro de 2024.
Publicado em 02 de dezembro de 2024

Como citar este artigo (ABNT):

PESSOA, Yago Bezerra. O aprisionamento às telas e o declínio das experiências de leitura no Brasil. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 5, n. 1, 2024.